



Apoio à exposição



SANTACASA  
Associação de Lisboa



INSTITUTO  
NUM'ÁLVARES

## Exposição

Curadoria  
João Norton de Matos sj  
João Sarmento sj  
Matilde Torres Pereira  
Rita RA

Coordenação  
Matilde Torres Pereira

Produção  
Matilde Torres Pereira  
Rita RA

Montagem  
Carlos Ribeiro  
Francisco Cordovil Cardoso  
Francisco Mota sj  
João Sarmento sj  
Martim Cunha Ferreira  
Pedro Clara  
Simão Braz Lopes

Apoio à produção  
Assunção Sampayo  
Benedita Archer de Carvalho  
José Maria Balcão Reis  
José Maria Varela  
Miguel Almeida

Design e Comunicação  
Benedita Pinto Gonçalves

Design gráfico  
Nonverbal Club

Impressão  
Minhografe

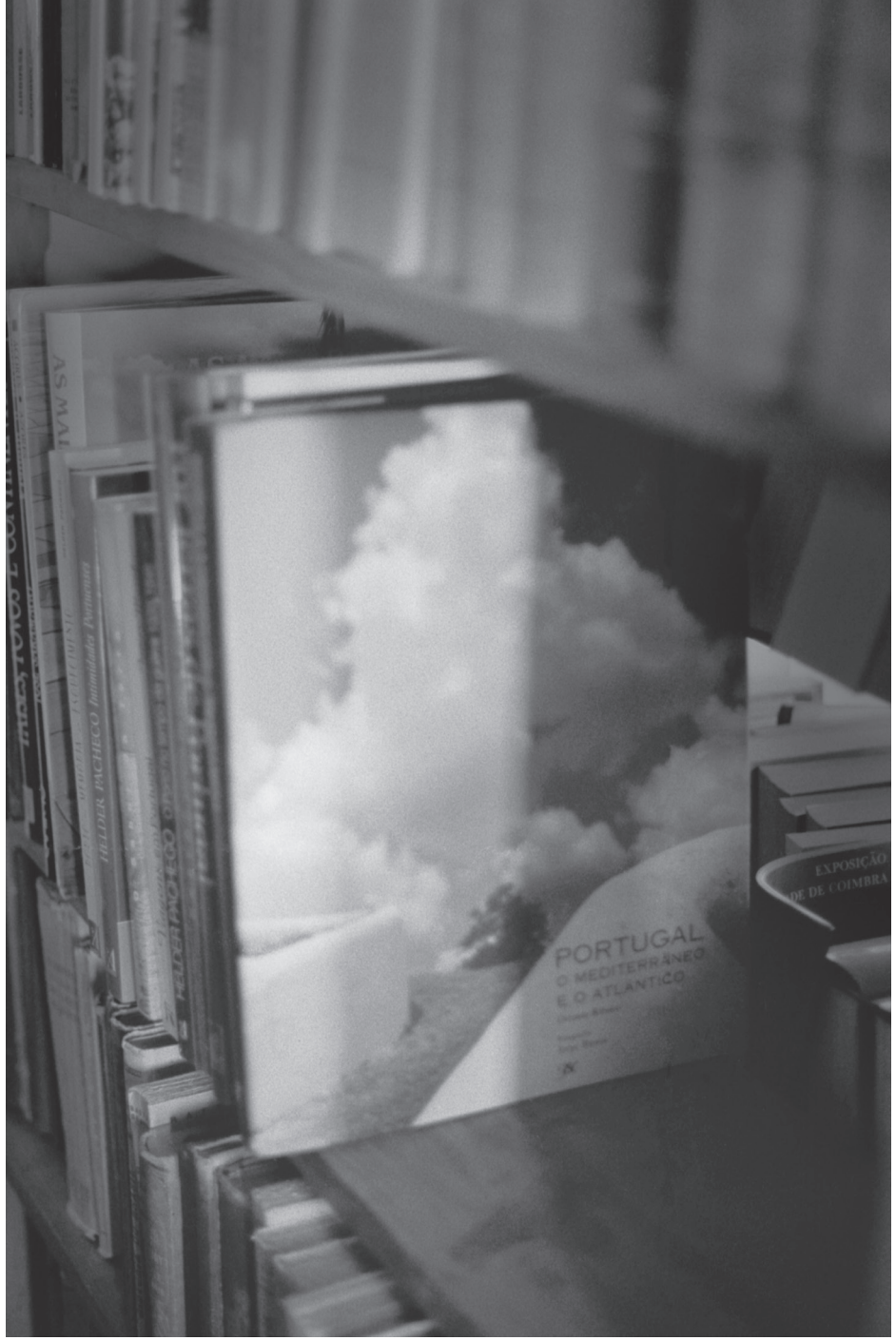
## Agradecimentos

A Brotéria agradece aos artistas, aos colaboradores e aos parceiros que tomaram esta exposição possível, em especial ao Instituto Num'Álvares, em Santo Tirso, pelo generoso empréstimo de parte do seu acervo museológico. Agradecemos ainda a:

André Almeida e Sousa  
António Júlio Trigueiros sj  
Carlos Carvalho sj  
Carlos Ribeiro  
Francisco Cardoso  
Francisco Romeiras  
Luísa Metello Seixas  
Martim Cunha Ferreira  
Miguel Almeida  
Pedro Clara  
Samuel Beirão sj  
Simão Braz Lopes  
Sofia Silva  
Teresa Chow

## TODAS AS COISAS Brotéria 1902 – 2020

Fotografia Teresa Chow



**TODAS AS COISAS surge de um encontro num lugar. Um lugar, primeiramente, imaginado – a Brotéria, como espaço de portas abertas, a nascer de uma revista centenária.**

**Ao longo das décadas, nas várias casas da revista, o pó dos livros e a luz rasada foram protagonistas silenciosos na vontade de sentir e marcar o tempo, e os tempos, numa leitura aprofundada do real. Em 118 anos de publicação mensal ininterrupta, a Brotéria transitou de revista de ciências naturais a revista de cultura contemporânea.**

**Este imenso itinerário, desenhado com raiz na zoologia, na botânica e na genética, configurou-se simultaneamente na teologia, na filosofia, na ética e na estética. A Brotéria é hoje um vastíssimo arquivo documental, um património colectivo e um legado de memória partilhada.**

A exposição aqui apresentada parte do desafio lançado pelo P. Francisco Mota, director-geral da Brotéria, para pensar a galeria enquanto espaço de apresentação da sua identidade. A Brotéria\_galeria é um lugar de porosidades entre o público e a casa, onde a convocação dos sentidos se encontra na liberdade para a experimentação artística. A vontade de mostrarmos ao público aquilo que entendemos da Brotéria - como revista, como espaço, como arquivo, como objecto gráfico, como acumulação de coisas, colecções, livros, tempo e pensamento - fez-nos indagar, com a inevitável contaminação do nosso olhar contemporâneo, acerca das suas narrativas de origem, procurando dar volumetrias e visibilidades às suas variadas biografias e territórios.

Resulta assim numa exposição colaborativa, imersiva, que se esboçou a partir da reapropriação dos materiais da antiga Biblioteca, do património gráfico e das heranças dos fundadores. Desejámos ver os frutos do assombro que tanto se estampa 'na imensidade dos mundos', como 'na extrema pequenez de miríades de animais e plantas, cuja existência só o microscópio nos revela'<sup>1</sup>. Fomos ao reencontro das colecções científicas exiladas e transmigradas nas vicissitudes da História do país. Em 1908, os

jesuítas portugueses tinham reunido as suas colecções no Museu de História Natural do Colégio de Campolide. Dois anos depois, a 5 de Outubro, o colégio foi bombardeado e invadido por militares numa pesquisa infrutífera por armas de fogo e material explosivo. O material encontrado pelos republicanos foi este: várias colecções de grande importância científica, resultado das inovadoras metodologias de ensino implementadas nos laboratórios dos colégios. Exilados os naturalistas e destituídos das suas colecções, o material estaria para estes irremediavelmente perdido. Não foi o caso.

Em Santo Tirso foi-nos possível, mais de cem anos depois, entrar no núcleo museológico do Instituto Nun'Álvares, onde nos deparámos com uma parte significativa destes arquivos errantes. A riqueza das recolhas científicas dos jesuítas responsáveis pela fundação da revista Brotéria está nos incontáveis álbuns, herbários, caixas, envelopes e gavetas com espécimes meticulosamente classificados e etiquetados que iam sendo revelados à medida do nosso fascínio.

Cecídeas, musgos e lepidópteros, lado a lado com inúmeras plantas e flores prensadas entre papéis amarelados, mostram ao mesmo tempo uma fragilidade estonteante e uma resistência surpreendente. Traçam,

através desta escala da natureza olhada ao microscópio, uma apaixonante micronarrativa, uma pequena-grande história da atenção ao sagrado detalhe do mundo.

TODAS AS COISAS é a história das coisas, visíveis e invisíveis, descobertas nos meses em que ensaiámos as formas de ocupação deste espaço. Com todas estas coisas queremos revelar uma identidade delineada com o entusiasmo de um projecto que ousa acartar com uma bagagem centenária. É uma história que se exige preservar e homenagear. Aqui, não para descrever, organizar e classificar o mundo natural, mas antes, ao reagrupar as matérias, para dar início à natureza do espanto.

*A Galeria* João Norton de Matos sj  
João Sarmento sj  
Matilde Torres Pereira  
Rita RA

**Durante o século XX, um grupo de jesuítas dedicou-se a identificar, classificar e descrever de forma sistemática centenas de novas espécies de animais e plantas nas páginas da Brotéria. Constituídas ao longo de várias décadas, as colecções dos jesuítas portugueses são um testemunho vivo do seu empenho em organizar e classificar o mundo natural. Conservadas no Instituto Nuno Álvares, em Santo Tirso, estas colecções permitem reconstituir uma história rica e complexa das actividades científicas dos jesuítas desde o período em que estavam dispostas nos museus de história natural dos colégios de Campolide (1858–1910) e de São Fiel (1863–1910) até à actualidade.**

Fundador e primeiro director da Brotéria (1902–1931), Joaquim da Silva Tavares, S.J. (1866–1931) especializou-se no estudo de cecídias, estruturas que se desenvolvem nas plantas como resposta ao ataque de outros seres vivos e que são vulgarmente designadas por galhas. Ao longo de três décadas, estudou centenas de espécies de galhas coligidas em Portugal, Espanha, Áustria, Brasil, Argentina e Moçambique. Em 1910, Silva Tavares viu as suas colecções serem confiscadas pelo Governo Provisório. Durante o exílio na Argentina, Brasil e Espanha constituiu uma nova colecção de cecídias ibéricas e sul-americanas. De regresso a Portugal em 1928, recuperou as suas colecções de galhas e foi nomeado, por unanimidade, sócio efectivo da Academia das Ciências de Lisboa.

Cândido de Azevedo Mendes, S.J. (1874–1943) foi um dos fundadores da Brotéria. Autor profícuo, dedicou-se à identificação e classificação de novas espécies de lepidópteros em Portugal, Espanha, Moçambique e Angola. Alguns dos espécimes que coligiu encontram-se actualmente no Muséum National d’Histoire Naturelle, em Paris. Em 1910, as suas colecções foram confiscadas pelo novo regime. Exilado em Espanha, o jesuíta constituiu nova colecção

de traças e borboletas. Na sequência da expulsão dos jesuítas em 1932, o governo espanhol confiscou as colecções constituídas por Azevedo Mendes ao longo de vinte anos de exílio. Porém, enquanto que as colecções apreendidas pela República Portuguesa permanecem na secção de zoologia do museu da Universidade de Coimbra, as colecções confiscadas pelo governo espanhol acabaram por ser restituídas ao jesuíta.

Director da Brotéria entre 1932 e 1957, Afonso Luisier, S.J. (1872–1957) dedicou-se ao estudo de novas espécies de briófitas da Península Ibérica, Madeira, Açores e Brasil. Ao longo da sua carreira, constituiu uma importante colecção de musgos, que organizou geograficamente em três secções: Bryotheca Europaea, Bryotheca Atlantica e Bryotheca Exótica. Tal como os seus companheiros jesuítas, Luisier foi privado das suas colecções em 1910. Porém, em 1913 recuperou parte das suas colecções de musgos, depois de uma intervenção diplomática do cônsul suíço. No exílio, publicou uma importante obra sobre os musgos de Salamanca que viria a ser premiada pela Academia de Ciencias Exactas, Físicas y Naturales de Madrid.

Constituídas em latitudes e contextos distintos, e abrangendo uma grande varie-

dade de grupos taxonómicos, as colecções destes três jesuítas reflectem o programa ambicioso de organização e classificação do mundo natural da Brotéria nas primeiras décadas do século passado.

*Francisco Malta Romeiras,  
Universidade de Lisboa*

**A esperança de podermos concorrer de algum modo para o progresso das sciencias naturaes em Portugal é que nos anima á publicação da presente Revista. Bem sabemos que não pasará d'um grãosinho no celleiro immenso dos conhecimentos científicos: mas primeiramente, quem dá o que tem, não dá pouco; e depois talvez nossos humildes trabalhos tenham a fortuna de incitar outros ingenhos da nossa terra a dedicarem-se a um ramo do saber humano tão interessante e tão vasto.**

A idéa de concorrermos, por pouco que seja, para propagar o gusto das sciencias naturaes em nossa patria enche-nos de alegria. A natureza é um livro immenso, que tem ainda muitas folhas por abrir. Ora em todas ellas se encontra escripto o nome augusto do Creador. E será acaso pequena satisfacção ao abri-las mostrar nellas a grandeza de Deus, que tanto se estampa na imensidade dos mundos, como na extrema pequenez de myriads de animaes e plantas, cuja existencia só o microscopio nos revela? Creavit Deus in coelo angelos, in terra vermiculos; nec major in illis, nec minor in istis (S. Agostinho). Desenvolver as sciencias naturaes é pois, como que dar a mão á intelligencia para a elevar á suprema verdade que é Deus. E ahi está porque nos pareceu inteiramente conforme com a nossa qualidade de educadores a publicação d'estes estudos. Resta-nos fazer algumas observações para os tornar mais claros a quem tiver paciencia de os ler.

Sendo nosso intento nesta Revista attender a tudo quanto possa contribuir para o adeantamento das sciencias naturaes, não nos limitaremos ao estudo systematico da fauna e flora, mas procuraremos, quanto couber em nossas forças, tocar outros ramos de maior alcance na historia natural, como são a anatomia e a histologia tanto animaes como vegetaes. Poucos como somos e tão ocupados no ensino da juventude,

não poderemos dar nunca a estes estudos a extensão que desejavamos. Esperamos porém que os nossos leitores reconhecerão as numerosas difficuldades com que luctamos, difficuldades que fizeram com que nenhum estabelecimento de ensino secundario em Portugal, que nos conste, tenha até agora publicado revista alguma scientifica.

Cumpra também explicar desde já o que no estudo da systematica denominaremos região de S. Fiel.

As nossas explorações teem tido por campo principalmente uma faixa de terreno, que vae dos arredores de Castello Branco até Manteigas e Ceia, numa extensão de 70 kilometros de comprimento sobre 15 a 20 de largura, comprehendendo boa parte da serra da Estrella a toda a da Gardunha, em cujas faldas, ao sul, fica situado este Collegio. É a isto que chamamos, região de S. Fiel. O seu terreno, quanto á composição, é todo granitico, excepto em alguns pontos da Gardunha e em toda a extremidade oeste da faixa, onde é schistose. Quanto ao relevo, comprehende grandes planicies, cortadas principalmente pelas duas serras: a da Gardunha que se ergue a 1224 metros e a da Estrella cuja maior altura attinge 1991 metros. A flora, se não é das mais ricas, é pelo menos muito interessante na Estrella, na extensa matta do Fundão e no frondoso carvalhal do sr. Visconde de Tinalhas, a que vulgarmente dão o nome de

monte Barriga e das Lameiras. A fauna, pelo contrario, especialmente a entomologica, é riquissima, senha a Gardunha e a Estrella dos pontos que merecem maior attenção ao zoologo em Portugal.

Os Lepidopteros e o Coleopteros abundam na matta do Fundão, e os Arachinideos são muitos e varios nas campinas mais proximas ao Collegio e na encosta da Gardunha. Não é para admirar que sejam tambem numerosos os Orthopteros pelas vastas planicies que compõem a região. Nem tão pouco é para extranhar que, onde vegetam quasi todas as especies de carvalhos portuguezes (*Quercus lusitanica* a. *faginea* Bss. E 7. *Broteri* P. Cout., *Q. Toza* Bosc., *Q. pedunculata* Ehrh., *Q. ilex* L., *Q. suber* L. e *Q. humilis* Lamk.), crescam de tal modo as cecideas, que tenham apparecido varias especies novas.

Para concluir notaremos que o titulo adoptado para a nossa Revista representa por um lado a justa homenagem do nosso reconhecimento ao celebre naturalista portuguez, Felix d'Avelar Brotero; por outro ser-nos-ha de incitamento a bem merecer da patria que elle tanto honrou, e tornar-nos-ha mais benevolo o acolhimento dos nossos trabalhos entre os portuguezes que se prezam de o ser.

*Collegio de S. Fiel – Setembro, 1902*

*Os Redactores*